

# ASPECTOS FENOMENOLÓGICOS DO PENSAMENTO E DA PRÁTICA DE CARL ROGERS NO LIVRO “TORNAR-SE PESSOA”

**Marcela Carpes**

Faculdade de Psicologia  
Centro de Ciências da Vida  
marcelacarpes@gmail.com

**Mauro Martins AmatuZZi**

Processos Psicológicos: abordagens qualitativas  
Centro de Ciências da Vida  
amatuzzi07@gmail.com

**Resumo:** *Este estudo visa expor aspectos fenomenológicos do pensamento de Carl Rogers, de acordo com a concepção husserliana de fenomenologia. Para tanto, apresentar-se-á o essencial das idéias de Husserl para em seguida evidenciar como trechos do primeiro capítulo da obra “Tornar-se Pessoa” se mostram fenomenológicos. Assim, pretender-se-á demonstrar que o aprofundamento sucessivo da redução fenomenológica em Husserl, equivale, em Rogers, a uma série de renúncias que levam o terapeuta a participar do vivido do cliente naquilo que ele tem de mais pessoal e muitas vezes escondido.*

**Palavras-chave:** *experiência subjetiva, Rogers, Husserl.*

**Área do Conhecimento:** *Ciências Humanas – Psicologia – CNPq.*

## 1. INTRODUÇÃO E OBJETIVOS

A abordagem de Rogers é considerada fenomenológica, apesar de não haver estudos recentes que verifiquem nas suas obras traços da fenomenologia tais como concebida por Husserl. Dessa forma, o objetivo deste estudo foi o de encontrar na obra especificada de Rogers trechos que exemplificassem uma abordagem psicológica de tipo fenomenológico e demonstrar como esses trechos podem ser considerados próprios desta abordagem.

## 2. METODOLOGIA

A metodologia desta pesquisa consistiu, basicamente, na leitura - e posteriores discussões em grupo - de textos de Carl Rogers sobre a Abordagem Centrada na Pessoa, de textos sobre fenomenologia, de textos sobre uma psicologia como ciência humana fenomenologicamente inspirada, e de artigos e livros de Husserl. Em seguida, analisou-se a obra *Tornar-se Pessoa*, de Rogers, para nela encontrar traços fenomenológicos. Posteriormente, elaborou-se um texto em conjunto com o orientador expressando o conhecimento obtido através das leituras e das discussões realizadas.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esta seção pretende apresentar brevemente o essencial da fenomenologia husserliana com a finalidade de demonstrar, em seguida, como o psicólogo Carl Rogers expõe, de acordo com a sua área de atuação e com o seu jeito de ser, aspectos de um pensamento fenomenológico. Será dividida em duas

partes: (1) uma dedicada a Husserl e a fenomenologia enquanto projeto filosófico, e outra (2) dedicada a Rogers e ao seu pensamento acerca dos problemas humanos a partir da psicologia.

### 3.1. A fenomenologia de Husserl

O filósofo Edmund Husserl escreveu inúmeras obras ao longo de sua vida, porém sabemos que ele não é um filósofo muito popular e nem mesmo de fácil leitura. Por conta disso, escolhemos algumas obras publicadas por ele que foram proferidas em palestras destinadas a um público culto, embora não especializado. Dentre essas obras do filósofo, utilizaremos “A idéia da fenomenologia” [1], o artigo “Fenomenologia” da Enciclopédia Britânica [2], a “Conferências de Paris” [3], e “A crise da humanidade européia e a filosofia” [4] para discorrer sobre o essencial de sua fenomenologia, de forma a abranger praticamente todas as fases de sua produção intelectual.

Tendo em vista o exposto acima acerca das obras de Husserl, devemos considerar-lo um filósofo que possuía uma proposta teórica de refletir sobre a questão do conhecimento [1, 2]. Ele não formulou práticas de intervenções terapêuticas ou modos de atuação dos psicólogos, mas podemos afirmar que ele lançou as bases para um método e uma concepção de homem que promovessem a constituição de sua filosofia e até mesmo influenciasssem a constituição de uma psicologia fenomenológica. Por esse motivo, devemos primeiramente compreender Husserl a partir de sua proposta filosófica.

A respeito do conhecimento, Husserl [4] argumentava que o ato de fazer Ciência estava dissociado do sentido de realidade que, no entanto, está implicitamente presente, levando muitas vezes a uma confusão entre as aplicações tecnológicas proporcionadas por ela (como por exemplo, a construção de instrumentos de guerra) e o sentido pelo qual nos lançamos a fazer Ciência. Portanto, ele formulou a sua fenomenologia visando à obtenção do conhecimento puro de forma que ele fosse penetrado por um sentido de realidade.

Para tal proposta, Husserl [1, 2, 3, 4] defendeu que a Ciência faz uso da *atitude natural* para formular seu conhecimento, em outras palavras, faz uso de um olhar para os objetos do mundo, para aquilo que está fora do sujeito, para o transcendente (assim também

fazemos em muitas de nossas atividades cotidianas, como por exemplo, preparar uma comida). Desse modo, o filósofo argumentou que seria através da *atitude fenomenológica* (conhecida também como *atitude filosófica* ou *reflexiva*) que seria possível obter o conhecimento puro, já que nessa atitude olhamos para o ato de nos relacionarmos com o mundo, não mais olhamos diretamente para os objetos. Esse “não olhar mais para” equivale, para Husserl [1, 2], a fazer uma *epoché* ou *redução*, isto é, fazer um recorte de forma a não considerar o mundo objetivo, mas sim considerar os atos de visar esse mundo.

Esses conceitos supramencionados são importantes para a questão do conhecimento de Husserl, pois é através da *epoché* e da *redução* que podemos considerar como os fenômenos aparecem em nós, e pela *atitude fenomenológica* podemos voltar-nos da objetividade para a nossa vivência subjetiva, voltar-nos daquele objeto visado pela *atitude natural* para o ato de visar da *atitude fenomenológica*. É por esse caminho que Husserl inaugura sua filosofia e vai além disso ao fundamentar o conceito de intencionalidade. Para o filósofo é através da intencionalidade que se recupera o sentido de realidade perdido das Ciências, já que ela significa que todo ato se refere a um objeto, toda consciência é consciência de algo; isso também ocorre em relação ao sujeito: ele é sempre sujeito em face de um objeto, é sempre intencional. Então, realizando a *redução* (olhando para a subjetividade), encontra-se a *intencionalidade* e é através dela que se recupera o sentido do mundo, o sentido de fazer Ciência.

A intencionalidade, formulada por Husserl, desdobrou-se também em duas direções. A primeira delas é que através da *intencionalidade* características do objeto fazem-se presentes no sujeito no seu ato de conhecer. Assim, podemos nos focar nas características essenciais de um objeto; por exemplo, a cor branca não é uma característica essencial dos gatos, pois a experiência nos mostra que existem gatos pretos, marrons e de outras cores. Dessa forma, constituem-se as ciências eidéticas, pois elas visam à descrição das essências das coisas que se organizam em nossa consciência. Uma dessas ciências é a psicologia eidética visando à descrição dos atos subjetivos. O segundo desdobramento refere-se ao fato de que os fenômenos revelam para nossa consciência não somente as características atuais do objeto, mas também as potenciais, podendo, desse modo, abrir um campo para a psicologia fenomenológica eidética aplicada às realidades dinâmicas da sociedade, por exemplo.

Husserl [2, 3] traçou também um outro caminho para a sua questão do conhecimento: a compreensão da *intersubjetividade* e da *vivência comunitária*. Defendeu o filósofo que através do olhar para o outro po-

demos compreender seus próprios mecanismos e suas próprias experiências vividas. No entanto, vale ressaltar que esse olhar não é analítico, mas é um olhar que penetra na subjetividade do outro através de um encontro intersubjetivo direto. É através dessa relação intersubjetiva, dada pelo aprofundamento da redução, que surge um mundo vivido compartilhado comunitariamente, com sua intencionalidade própria. Esse mundo, segundo Husserl [3] transcende o mundo da experiência empírica para dentro, isto é, na direção da subjetividade, assim como o mundo transcendente, ultrapassa o objeto da experiência empírica - no qual se pauta a Ciência - mas para fora. Assim, temos o eu transcendental que é o sujeito das vivências intencionais de mundo, e o eu empírico que é o objeto de pesquisas empíricas, uma parte do mundo objetivo. Portanto, é através de sucessivas reduções que encontramos sentidos mais profundos das vivências, perdendo-nos primeiramente como eu empírico e ganhando, posteriormente, sob um novo olhar, o mundo que passa a fazer sentido de realidade para o próprio sujeito. E como há um encontro intersubjetivo com o outro e com os outros, podemos falar não apenas de “eu” mas de “nós” no sentido *transcendental* quando descobrimos a dimensão comunitária da vivência como algo subjacente e anteriormente implícito.

Levantamos então a hipótese de que é através desse *eu transcendental* que podemos nos comunicar diretamente pelos caminhos da *intersubjetividade* e encontrar um sentido de realidade que vá além das análises científicas e das tecnologias. Por esse caminho podemos pensar em uma Psicologia que vá além do eu empírico, esclarecendo dimensões do ser humano que ele mesmo camuflou.

### 3.2. O pensamento fenomenológico de Rogers

O livro *Tornar-se pessoa* [5, 6], um das principais obras de Rogers, é constituído por uma coletânea de textos anteriormente publicados, que partem de um patamar de conteúdos pessoais para um patamar de conteúdos de relevância social, mas que, em sua totalidade, compõem um tema único desenvolvido. O autor, ao apresentar alguns motivos que o levaram a reunir essa coletânea, escreve que um deles foi o de compartilhar “sua experiência”, “algo dele”, mas vivido na “selva da vida moderna”, no campo bastante “inexplorado das relações pessoais” (p. XXIV) [6]. Além disso, ele expõe que apesar de hesitar nomear a tendência de seus escritos, alguns termos poderiam ser associados a eles, tais como: “fenomenológico, existencial, centrado na pessoa”; e também alguns conceitos como “auto-realização, vir-a-ser, maturação” (p. XXII) [6]. Dessa forma, fica evidente que o projeto de Rogers é fenomenológico em sua concepção, já que ele, ao versar sobre a “sua experiência” – e não diretamente sobre as relações humanas

ou sobre a vida moderna –, adota a perspectiva reflexiva, e ao mesmo tempo intencional. O primeiro capítulo da obra (*“Este sou eu: O desenvolvimento do meu pensamento profissional e da minha filosofia pessoal”* [6]), fala das experiências pessoais e profissionais vividas pelo autor relatadas de forma mais espontânea, expressando como sua visão de mundo foi se compondo. Rogers [6], nesse capítulo, sai de uma *atitude natural* e coloca-se em uma *atitude fenomenológica*. Ao incorporar essa atitude reflexiva, o autor efetua uma “volta às coisas mesmas”, considerando o fenômeno tal como ele aparece à sua consciência, tal como ele é vivido por ele próprio. É a partir dessa consideração que ele pôde extrair aprendizagens significativas para a sua vida e para a prática psicológica. Logo, podemos afirmar que voltar-se para a “própria experiência” (em Rogers) equivale a deixar de considerar o mundo objetivo (na linguagem de Husserl). No entanto, devemos salientar que na perspectiva do psicólogo, essa consideração do mundo objetivo aparece, também, num segundo momento: após o olhar que descreve e elabora suas próprias experiências das relações profissionais em intencionalidade com seus respectivos objetos. Aparece também em um segundo momento após o olhar fenomenológico, quando Rogers com sua equipe se lançam em pesquisas empíricas.

Comentemos em seguida algumas das principais passagens desse capítulo. Na primeira parte observamos que em alguns momentos ele valoriza a investigação científica empírica (e não a fenomenológica). Por exemplo, quando relata suas vivências na fazenda de seu pai e descreve como ele obteve conhecimento e respeito pela metodologia científica através das experiências (no sentido de “experimentos” objetivos) conduzidas por ele lá. Outro trecho é quando ele conta que foi formando suas próprias opiniões a partir de suas experiências em Rochester, pois ao realizar “entrevistas de tratamento” em casos de crianças delinquentes, relata que o único critério utilizado como método de ajuda era questionar-se: “Isto funciona? Será eficaz?” (p.11). Em um terceiro trecho Rogers mostra como a perspectiva fenomenológica e a científica (positivista) se harmonizavam: ele [6] escreveu sobre a terapia como sendo a experiência em que ele pode se entregar subjetivamente; e sobre a pesquisa como a experiência na qual ele pode se distanciar do vivido subjetivo para olhá-lo sob a luz dos “elegantes métodos científicos” com a finalidade de confirmar suas percepções. Salientamos que a confirmação empírica, realizada pelos métodos científicos, parte da busca de significados pessoais ou de “temas filosóficos” que foram levantados a partir do exercício de uma postura fenomenológica, que corresponde a um vasto âmbito de pensamento e elaboração da experiência no assumir

da própria subjetividade, o que caracteriza o pensamento fenomenológico do autor e constitui a pesquisa fenomenológica conhecida no meio acadêmico.

Ao responder “quem é ele”, Rogers [6] argumenta que essa resposta está “de algum modo ligada à experiência vivida” (p.4) dele mesmo e do cliente. O autor expõe que essa experiência vivida por ambos está enraizada no universo como um todo. Isso demonstra a passagem fluente dessas vivências para a sua própria descoberta de um sentido maior delas para uma comunidade mais ampla de pessoas, sentido esse que encontra suas raízes na vida no universo. Assim, o trecho, revela o fio que dá consistência a todo esse movimento: o da experiência vivida (ou da vivência subjetiva intencional). A consideração de Rogers da experiência vivida demonstra o caráter fenomenológico de seu pensamento, já que segundo Husserl [2], para se chegar a certezas básicas, universais, o mundo vivido não é acessível apenas pela própria experiência, mas, também, pela experiência alheia e pela experiência comunitária.

Na segunda parte deste capítulo, Rogers [6] escreve sobre lições aprendidas por ele enquanto psicólogo, sendo que as duas iniciais versam sobre a autenticidade (ou congruência) do terapeuta. A terceira e a quarta são sobre a compreensão empática. As duas lições seguintes se referem à aceitação ou respeito para com outra pessoa. A sétima, a oitava e a nona lições são sobre a confiança na experiência própria e também na do cliente. As três próximas aprendizagens têm relação com pesquisa: há uma ordem na experiência; “os fatos são amigos” (isto é, posso confiar no que a experiência me diz); e: o mais geral deve ser procurado no mais particular (p.29-30). A décima terceira lição é sobre a tendência atualizante que existe no homem. E a última lição é uma visão geral da vida: ela é um processo que flui e evolui. Impossível não ver nesse conjunto de lições uma abordagem fenomenológica centrada na experiência subjetiva. Ao argumentar que Rogers tem uma abordagem fenomenológica, ressaltamos que o termo “fenomenológico” para ele tem ainda um sentido empírico em relação às aparências de um fenômeno objetivo (mesmo sendo ele interno). Assim, por mais positivista que seja sua a linguagem, o seu pensamento transcorre no âmbito subjetivo das vivências. Por isso quando dizemos que Rogers é “fenomenológico” estamos usando o sentido husserliano do termo e não o rogeriano, ou seja, estamos querendo dizer que Rogers realizou um progressivo mergulho nas vivências do sujeito até se chegar à subjetividade transcendental, isto é, ao puro vivido.

O primeiro aspecto desse mergulho encontra-se na terceira lição em que ele escreve que é preciso ter uma atitude que “permita” a compreensão do outro. Ele argumenta que a nossa primeira reação ao ouvir

alguém é a de julgar, por isso ele defende que devemos deixar de lado os julgamentos. Ora, essa atitude de “permitir-se” (Rogers) equivale a *epoché* (Husserl), pois é através dessa que suspendemos todos os valores e juízos. No entanto, deve-se salientar a diferença de finalidade entre os projetos teóricos de Husserl e Rogers. Enquanto a finalidade de Husserl foi teorizar, formulando o método da redução para abarcar o conhecimento humano, a finalidade de Rogers foi prática: ele buscou um tipo de escuta que mobilizasse a subjetividade do outro (e que podemos entender como uma escuta do eu transcendental de que escreveu Husserl). Desse modo, Rogers [6] ainda expõe que ao se permitir compreender o outro, mudanças ocorrem nele próprio e no cliente: ao sair da postura objetivante (própria da ciência positivista) e correr o risco do mergulho no mundo subjetivo do outro (a escuta do eu transcendental), estaremos nos expondo ao risco de mudanças em nós mesmos e no outro.

O segundo aspecto a ser salientado encontra-se na nona lição, quando Rogers [6] relata que adquiriu “respeito pelos complexos processos da vida” à medida que deixava de lado a tentativa de “remediar as coisas a todo custo” e se preocupava mais em “estar aberto à realidade” que se passava nele e no outro (p.25). Deixar de querer “remediar as coisas a todo custo” pode ser entendido como uma outra dimensão de *epoché*/redução que, em Husserl [4], aparece indiretamente a propósito da redução da ciência à tecnologia e que, no contexto da psicoterapia, para Rogers, é condição para se tocar (e mobilizar) as fontes mais profundas do eu.

Esse respeito pelos processos da vida não impede, no entanto, Rogers de querer compreendê-los. Dessa forma, vamos ao terceiro e último aspecto a ser discutido aqui: ele se refere à lição em que Rogers expressa sua satisfação em buscar uma significação, uma “ordem” em suas experiências, permitindo-lhe entregar-se a “investigação científica” e ao processo de “construção teórica”. Vale ressaltar que tanto a “investigação científica” quanto a “construção teórica”, para Rogers [6], buscam explicitar uma “significação” para a experiência. Assim, todo esforço de pesquisa encontra-se dentro do dinamismo de uma busca de significado para a experiência. É através dessa busca que compreendemos a “ordem” que se vislumbra na experiência e que expressa os “complexos processos da vida” (p. 25) [6]. A Psicologia como uma construção científica e teórica também se insere nesse esforço.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa pretensão nesse trabalho reflexivo não foi mostrar que Rogers era fenomenólogo e muito menos que era husserliano, mas sim mostrar aspectos fenomenológicos do seu pensamento, mesmo sa-

bendo que partíamos de uma concepção de fenomenologia que podia não ser compartilhada por ele. Consideramos que Rogers tem uma perspectiva fenomenológica porque exerce um pensamento reflexivo, não diretamente voltado para os objetos do mundo, mas sim para sua experiência subjetiva no mundo. Mas como a consciência é intencional, ao exercer esse olhar reflexivo, nosso autor elabora sua experiência e constrói conhecimentos referentes à pessoa humana, às relações de ajuda, à vida psíquica e até aos complexos processos da vida em geral em nosso universo. A psicologia que ele assim constrói busca confirmações em averiguações empíricas posteriores, mas essas verificações se constituem como parte de um movimento maior que transcende a própria ciência.

Assim como na fenomenologia de Husserl, Rogers pratica o método da redução fenomenológica, se bem que não no contexto de um projeto filosófico voltado para a elucidação do conhecimento humano, e sim no de um projeto de prática psicológica voltado para as relações de ajuda, para a facilitação dos processos de grupos e comunidades, e para a construção de uma teoria psicológica que desse fundamento à tal prática. Na prática desse método fica clara a importância de deixar de lado os julgamentos e preferências pessoais no esforço de se compreender a pessoa do outro. Esse deixar de lado se aprofunda, no entanto, por relativizar as idéias, tanto as próprias como as alheias, na busca de um encontro com o vivido. Para além das idéias é possível uma comunicação mais profunda que lhes capte o significado pessoal e o movimento no qual se inserem. Aprofunda-se ainda mais despojando-se de qualquer intenção de interferir ou manipular. O que Rogers encontra no final desse movimento de “redução” cada vez mais radical é o potencial da vida desencadeado. Ele admira, respeita e basicamente confia nos processos da vida quando eles podem acontecer a partir de suas fontes desimpedidas. Descrever tudo isso e comprovar essa ordem no universo é a finalidade da construção do conhecimento, mas essa construção é inseparável de um envolvimento com esses processos na prática dos encontros humanos.

#### AGRADECIMENTOS

Agradeço a PUC-Campinas e FAPIC/Reitoria por acreditarem na proposta desta pesquisa. Agradeço imensamente ao meu orientador Mauro Amatuzzi por ter me guiado nessa trajetória de aprendizagem. Agradeço também a contribuição das minhas colegas de Iniciação Científica e de todos aqueles que estão presentes em minha vida, compartilhando suas experiências e contribuindo para o meu desenvolvimento.

## REFERÊNCIAS

- [1] Husserl, E. (2008). *A idéia da fenomenologia* (A. Morão, Trad.). Lisboa: Edições 70. (Original publicado em 1907).
- [2] Husserl, E. (1990). *El artículo de la Encyclopaedia Britannica* (A. Ziri6n, Trad. e edit.). México: Universidad Nacional Aut6noma de México. (Original publicado em 1927).
- [3] Husserl, E. (1992). *Conferências de Paris* (A. Fidalgo e A. Morão, Trads.). Lisboa: Edições 70. (Original publicado em 1929).
- [4] Husserl, E. (2008). *A crise da humanidade européia e a Filosofia*. 3ªed. (U. Zilles, Introd. e trad.). Porto Alegre, RS: EdiPUCRS. (Original publicado em 1935).
- [5] Rogers, C. R. (1961). *On Becoming a Person*. Boston: Houghton Mifflin Company.
- [6] Rogers, C. R. (2009). *Tornar-se pessoa*. 6ª. ed. (M. J. do C. Ferreira e A. Lamparelli, Trads.). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1961).